

MANEJO ANESTÉSICO DE PSITTACIFORMES: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Orniellen do Amaral Simão de CASTILHO¹; Natália de Albuquerque PAES²; Juliana Pelozzo OLIVEIRA²; Maria Geovana Nascimento Faustino dos SANTOS²; Camila Medeiros Costa GOMES²; Mírian Mendes BARBOSA³.

Palavras-chave: Aves silvestres; Contenção química; Benzodiazepínicos; Particularidades anestésicas.

Os psitacídeos correspondem a uma ordem de aves caracterizadas principalmente pelo bico curvo e destacam-se pela elevada inteligência e capacidade de interação com humanos, o que favorece sua criação como pets não convencionais. Com a maior presença dessas aves em ambientes domésticos, houve aumento na procura por atendimentos veterinários, incluindo procedimentos clínicos e cirúrgicos. No entanto, essas espécies apresentam particularidades fisiológicas importantes, como resposta rápida ao estresse, podendo evoluir para exaustão em curto intervalo, o que eleva riscos durante a contenção física. Dessa forma, a contenção química, por meio de sedação ou anestesia geral, torna-se prática frequente na rotina clínica, visando reduzir o estresse, minimizar riscos durante o manejo e promover analgesia adequada, especialmente em situações emergenciais. O objetivo deste resumo foi abordar as particularidades fisiológicas e anestésicas dos psitacídeos, destacando fatores relevantes para escolha de protocolos, vias de administração, monitoramento e prevenção de complicações, com base em revisão em bases de dados científicos eletrônicos como *Google* acadêmico e periódicos online. A escolha do protocolo anestésico nessas aves deve considerar as especificidades dos sistemas cardiorrespiratório e neurológico, a fim de garantir estabilidade hemodinâmica, sedação eficaz, relaxamento muscular e analgesia adequada. O jejum prévio é essencial, pois reduz o risco de refluxo digestivo, que pode resultar em obstrução das vias respiratórias ou pneumonia por aspiração, devendo ser ajustado conforme a espécie devido às elevadas taxas metabólicas. As principais vias de administração incluem a intramuscular, geralmente realizada na musculatura peitoral, a intravenosa, com acesso pelas veias ulnares, jugular ou metatársica, e a intraóssea, utilizando ossos como úmero ou fêmur. Entre os fármacos mais utilizados na medicação pré-anestésica destacam-se os benzodiazepínicos, como diazepam e midazolam, devido à sua segurança relativa ao sistema cardiorrespiratório. A cetamina também é amplamente empregada, especialmente em associação com outros agentes, proporcionando indução segura e recuperação adequada. Opióides são utilizados, embora apresentem respostas variáveis entre as espécies. Já os agonistas alfa-2 adrenérgicos devem ser utilizados com cautela, devido ao risco de efeitos adversos como bradicardia, depressão respiratória e alterações metabólicas. Na anestesia inalatória, o isoflurano é amplamente utilizado por permitir indução e recuperação rápidas, enquanto o sevoflurano apresenta vantagens por causar menor irritação das vias aéreas e menores alterações fisiológicas, apesar do custo elevado limitar sua utilização. Em relação à anestesia local, a lidocaína é frequentemente empregada, enquanto a bupivacaína deve ser utilizada com cautela devido ao seu alto potencial tóxico. Durante o período trans e pós-anestésico, a manutenção da temperatura corporal é fundamental, pois essas aves são altamente suscetíveis à hipotermia, sendo necessária a utilização de estratégias como colchões térmicos e fontes de aquecimento. Além disso, características anatômicas como ausência de epiglote, presença de sacos aéreos e anéis traqueais completos influenciam diretamente o manejo anestésico. Complicações como bradicardia, bradipnéia, hipotermia, desidratação e hipoglicemia podem ocorrer, tornando indispensável o monitoramento constante dos parâmetros vitais. Conclui-se que o sucesso anestésico em psitacídeos depende de planejamento criterioso, conhecimento aprofundado das suas particularidades fisiológicas e monitoramento rigoroso, permitindo a redução de riscos e a promoção do bem-estar durante todo o procedimento anestésico.

¹ Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email para correspondência: orniellen105@gmail.com

² Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

³ Residente na área de Anestesiologia Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Referências Bibliográficas:

CURRO, Thomas G. Anesthesia of pet birds. **Seminars in Avian and Exotic Pet Medicine**, v. 7, n. 1, p. 10-21, jan. 1998.

GUIMARÃES, L. D.; MORAES, A. N. Anestesia em aves: agentes anestésicos. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 30, n. 6, p. 1073-1081, 2000.

GUNKEL, C.; LAFORTUNE, M.. Current techniques in avian anesthesia. **Topics in Medicine and Surgery**, 2005.

LIERZ, M.; KORBEL, R. Anesthesia and analgesia in birds. In: TOPICS IN MEDICINE AND SURGERY. **Journal of Exotic Pet Medicine**, v. 21, p. 44-58, 2012.

SILVA, A. C.; RAMPINELLI, G. B.; GEOVANA, M. C.; LEAL, RODRIGO. Anestesia em psitacídeos – Revisão de literatura. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária da FAEF**, v. 43, n. 2, nov. 2024.

VACCARIN, C. V.; FREITAS, G. C.; GONÇALVES, G. F.; BOFF, G. A.; BOESING, J. C.; FRANDOLOSO, S. F. Anestesia em aves da família Cacatuidae – Relato de caso. **Anais do V SEPE e V Jornada de Iniciação Científica**. Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza, v. 5, ISSN 2317-7489, 2015

¹ Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email para correspondência: orniellen105@gmail.com

² Graduando do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

³ Residente na área de Anestesiologia Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco.